



Cirurgia Bariátrica e a Saúde no Ceará¹

Natália Mendes MAIA²

Agostinho GÓSSON³

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

A obesidade é uma doença que aumenta sua incidência a cada ano, por conta dos maus hábitos alimentares e do sedentarismo do homem moderno. A cirurgia bariátrica, mais conhecida como redução de estômago, surge como uma solução para a obesidade, muitas vezes, a última solução. Para realização do procedimento são necessários recursos que vão para além da cirurgia em si, envolvendo o longo acompanhamento do pré e pós-operatório do paciente. A reportagem “Cirurgia Bariátrica e a Saúde no Ceará” busca investigar se a rede pública de saúde cearense é capaz de suprir a demanda pelo procedimento, tendo em vista que apenas dois hospitais públicos ofertam a cirurgia bariátrica à população no Estado. Essa análise faz também um paralelo de como essa situação dialoga com a da rede de saúde privada no Ceará.

PALAVRAS-CHAVE: Cirurgia Bariátrica; Obesidade; Saúde; Jornalismo Interpretativo.

1. INTRODUÇÃO

A reportagem “Cirurgia Bariátrica e a Saúde no Ceará” é resultado da disciplina de Jornalismo Impresso I do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Ceará. Ministrada pelo professor Agostinho Gósson, a disciplina tinha por objetivo colocar os alunos a par das técnicas do jornalismo informativo, desenvolvendo a produção de entrevistas, notícias e, ao final, uma grande reportagem mais aprofundada, que agregasse o conhecimento acumulado ao longo do semestre.

A escolha do tema da reportagem ficou a critério de cada aluno, bem como a elaboração da pauta. Ao enumerar idéias, notei que, dentre elas, havia algumas que iam ao encontro das problemáticas da saúde, centradas no tema da obesidade e da compulsão alimentar. Como sou filha de uma endocrinologista, que trabalha diretamente com a área, havia a proximidade e curiosidade natural para os assuntos ligados à saúde.

Dentro da ampla editoria de Saúde, procurei fazer recortes mais concretos, que me levassem a um enfoque definido. A partir da obesidade, tracei questionamentos sobre o que estava em pauta na mídia sobre o assunto, aspectos relevantes do tema, suas conseqüências, os índices da população que sofrem da doença no Brasil e no Ceará. Pelos próprios diálogos

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Jornalismo Interpretativo (avulso).

² Aluna líder e estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Ceará, email: natmaia90@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, email: gosson@ufc.br.



travados em minha esfera familiar e após pesquisa extensa sobre o assunto, encontrei, dentro da temática da obesidade, o objeto que gostaria de trabalhar ao longo da reportagem: a cirurgia bariátrica, mais conhecida como redução de estômago.

A obesidade é encarada pelos médicos, atualmente, como uma doença. Sua incidência está associada a diversas co-morbidades, que são doenças causadas ou intensificadas pelo excesso de peso. A cirurgia bariátrica surge, então, como uma das soluções para o problema e, muitas vezes, a última solução. Esse procedimento, no entanto, é dispendioso em várias medidas: tanto no que diz respeito a custos quanto a tempo de acompanhamento do paciente.

A reportagem foi conduzida na intenção maior de investigar como ocorre a cirurgia na rede de saúde pública do Ceará e como essa realidade se relaciona (quantitativa e qualitativamente) com da rede de saúde privada.

2. OBJETIVO

O objetivo da reportagem é, primeiramente, o de esclarecer e desmistificar a cirurgia bariátrica, que em tempos de espetacularização dos procedimentos cirúrgicos aparece como uma “fórmula mágica” para o emagrecimento, sendo confundida com procedimentos estéticos como a lipoaspiração. Além disso, pelos resultados eficazes e relativamente rápidos, muitas pessoas procuram essa solução imediata, sem antes passar pelos métodos clínicos e naturais, como dietas e exercícios. Através da primeira parte da reportagem, “A doença do milênio”, questões como essa são colocadas em xeque.

Em segundo lugar, a idéia é questionar como a rede de saúde pública (SUS) do Ceará supre a demanda da cirurgia, já que apenas dois hospitais do Estado realizam o procedimento. Com que frequência são realizadas as cirurgias, qual é a procura, como se dá o acompanhamento no pré e no pós-operatório? Tomando essas questões e o panorama da rede pública frente à cirurgia bariátrica, é feito um paralelo com a situação na rede privada, a fim de que, a partir desse confronto, surjam os diferenciais, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos da cirurgia.

Finalmente, tornar o assunto mais próximo do leitor através de personagens que realizaram o procedimento e podem explicar seus prós e os contras com a propriedade de quem já viveu o processo.

3. JUSTIFICATIVA

A Obesidade é avaliada por Luiz Moura, médico que realizou a primeira cirurgia bariátrica do Ceará, como “a doença do milênio”. A sentença é justificável pelos crescentes índices de obesidade no mundo, por conta dos maus hábitos alimentares e rotina sedentária que marcam a vida do homem contemporâneo. No Brasil, 13% da população adulta é obesa, o que equivale a um contingente de quase 24 milhões de pessoas.

Por envolver múltiplos fatores, a obesidade, muitas vezes, não é percebida pelo senso comum como uma doença propriamente dita. Sua incidência, no entanto, incorre na alta prevalência de doenças cardiovasculares e metabólicas (a diabetes, por exemplo). Os índices de mortalidade decorrentes dessas co-morbidades, e conseqüentemente da obesidade, são alarmantes. De acordo com notícia da revista *Veja*⁴, “Cientistas do Instituto Karolinska de Estocolmo (Suécia) e da Universidade de Bristol (Grã-Bretanha) chegaram à conclusão de que estar acima do peso pode aumentar o risco de morte por doenças cardiovasculares em até 82%.”

Em muitos casos, a cirurgia bariátrica é uma das soluções para o problema da obesidade. A realização do procedimento se iniciou em 1954 nos Estados Unidos, mas é bem mais recente no Brasil, tendo início apenas a partir da década de 80. No Ceará, a primeira cirurgia foi realizada em 1997. O caráter relativamente incipiente da cirurgia no país e no estado explica sua popularização tardia, só alcançando verdadeiramente a população local no final dos anos 90.

Ao contrário do que muitos pensam a cirurgia bariátrica não é indicada para todos. Ela surge como uma solução para os obesos mórbidos e severos, com a saúde prejudicada pelo peso em excesso, e que já tentaram emagrecer pelos caminhos clínicos e por mudanças comportamentais. Através de técnicas restritivas ou disabsortivas para reduzir o estômago, a cirurgia restringe a quantidade de alimento que o paciente pode ingerir, resultando em seu conseqüente emagrecimento.

Por conta da complexidade de fatores que a cirurgia mobiliza no paciente (tanto corporalmente como psicologicamente), quem se que encaixa no perfil da cirurgia deve submeter-se a um pré e a um pós-operatório, acompanhado por uma equipe assistente que envolve vários profissionais: cirurgiões, anestesistas, cardiologistas, endocrinologistas, pneumologistas, psicólogos, nutricionistas, fonoaudiólogos, enfermeiras, assistentes sociais e fisioterapeutas.

⁴ Disponível no site da revista: <http://veja.abril.com.br/noticia/saude/obesidade-mata-mais-se-imagina-522128.shtml>



A amplitude (de recursos e tempo) que o processo cirúrgico envolve, limitando-se não somente à cirurgia em si, mas ao acompanhamento antes e depois, e o fato de apenas dois hospitais públicos no Estado oferecerem a cirurgia, levou-me a questionar sua realização na rede de saúde pública do cearense. Historicamente carente de recursos, que vão desde aparelhos a profissionais da área, e contando uma imensa demanda (só em Fortaleza, capital do estado, há em torno de 375 mil obesos⁵), a oferta da cirurgia pelo Sistema único de Saúde (SUS) no Ceará torna-se um assunto relevante para investigação.

A escolha da grande reportagem como gênero foi justamente na perspectiva de alargar as visões sobre a temática, interpretando a aplicação da cirurgia nas redes de saúde do Ceará, especialmente na rede pública. Através de uma contextualização do tema, situando-o dentro da problemática da obesidade e, só então, passando à cirurgia na rede de saúde pública e privada, é possível levar o leitor a construir relações entre os tópicos por si mesmo, numa leitura mais ampla.

Como explica Leandro e Medina, a reportagem interpretativa vai para além do fato noticioso presente, do factual, estabelecendo uma rede de significados a partir de um problema pontual e buscando trazer o viés humano para o texto jornalístico.

As linhas de tempo e espaço se enriquecem: enquanto a notícia registra o aqui, o já, o acontecer, a reportagem interpretativa determina um sentido desse aqui num círculo mais amplo, reconstitui o já no antes e no depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente. Através da complementação de fatos que situem ou interpretem o fato nuclear, através da pesquisa histórica de antecedentes, ou através da busca do humano permanente no acontecimento imediato, a grande reportagem é interpretação do fato jornalístico. (LEANDRO e MEDINA, 1973, p. 23)

Como a reportagem foi feita ao longo de um mês, houve tempo para avaliar com cuidado os aspectos que compunham a reportagem, o que enriqueceu o trabalho final. José Marques de Melo aponta que a principal diferença entre a reportagem de caráter informativo (pequena reportagem) e a interpretativa (grande reportagem) é essa relação com o tempo.

A pequena reportagem (inevitavelmente superficial pela contingência da celeridade com que os fatos devem ser divulgados no seu acontecer); outra a grande reportagem (naturalmente mais profunda, pela disponibilidade do tempo que se oferece ao repórter para pesquisar, refletir, avaliar, distanciando-se, portanto, da pressão analítica que caracteriza os relatos jornalísticos imediatos). (MARQUES DE MELO, 1985, p.45 - 46)

⁵ Disponível no site do Ministério da Saúde:
http://portal.saude.gov.br/portal/aplicacoes/reportagensEspeciais/default.cfm?pg=dspDetalhes&id_area=124&CO_NOTICIA=10078

De acordo com Sérgio Vila Boas, o jornalismo interpretativo aproxima-se, em muitos aspectos do jornalismo investigativo: por sua relação com o tempo, pela verticalização da informação, pelo aprofundamento dos fatos.

No jornalismo interpretativo está inserida a reportagem individual e investigativa. Para se fazer um jornalismo mais analítico não é preciso, necessariamente, haver um trabalho em equipe. Interpretar é dar a informação sem opinar, expondo ao leitor o quadro completo de uma situação atual. (VILA BOAS, 1996, p.77)

Desse modo, a investigação sobre a cirurgia bariátrica nas redes de saúde do Ceará mescla-se com o jornalismo de cunho interpretativo no produto final, numa interseção entre gêneros.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Decidir as fontes que seriam entrevistadas foi o primeiro passo. Luiz Moura era um contato fundamental, pois representa a cirurgia bariátrica no Estado do Ceará nas duas instâncias de investigação, a rede pública e a privada. É cirurgião da equipe do Hospital Geral César Cals (HGCC), hospital da saúde pública que realiza o procedimento com maior frequência, e Coordenador do Núcleo do Obeso do Ceará, clínica privada precursora da cirurgia no Estado. Em vista disso, configurava-se como uma fonte elementar em todas as temáticas da matéria, especialmente em seu enfoque.

Foram duas as entrevistas com Luiz Moura. Uma no HGCC e outra no Núcleo do Obeso do Ceará. Nesta última, além da entrevista, houve uma seção pré-operatória da cirurgia. Tive, pois, acesso à mesma palestra (com dados, *slides* e vídeos) que os pacientes têm em sua preparação para o procedimento. A seção dura em torno de duas horas e serviu de forma significativa para a construção da primeira parte da matéria, a contextualização da cirurgia bariátrica dentro da problemática da obesidade.

O outro médico entrevistado foi Heládio Feitosa, cirurgião responsável pelo núcleo de cirurgia bariátrica no Hospital Universitário Walter Cantídio, da Universidade Federal do Ceará (HUWC), segundo hospital que realiza o procedimento no Ceará. À época da apuração, Feitosa estava em Nova York, em período de visita a serviços de cirurgia bariátrica na cidade. Por causa disso, a entrevista se efetivou por telefone.

Na seção pré-operatória do Núcleo do Obeso do Ceará, tive acesso a um dos personagens que usei na reportagem, o qual na ocasião iria dar um depoimento sobre seu processo de perda de peso, de maneira a motivar e alertar os pacientes que iriam passar pela

mesma cirurgia que ele havia passado, meses antes. Erilo Cruz concedeu uma entrevista particular antes de dar seu depoimento na seção, e autorizou que eu utilizasse falas dos dois momentos. Já Ana Paula Lima, a outra personagem, era uma fonte com quem eu tinha maior contato. Como ela também havia feito a cirurgia recentemente, convidei-a para participar da matéria.

A apuração de todas as entrevistas foi feita com gravador digital, ao longo de duas semanas. O maior problema foi a decupagem, sobretudo em sonoras muito longas, como a da palestra de Luiz Moura na seção pós-operatória.

O processo de construção da matéria se deu de maneira tranqüila, por conta do prazo extenso. O tamanho da reportagem, deixado em aberto pelo professor orientador, contribuiu para a fluidez das associações, que não ficaram sufocadas nem pelo tempo nem pelo espaço. Dessa maneira, o viés interpretativo foi se fincando ao texto naturalmente: pela ampla contextualização no início, pelo diálogo entre os blocos, pelo caráter humanizante (com os personagens) ao fim da reportagem.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O texto foi construído no sentido de traçar uma linha para conduzir o leitor através do conceito de obesidade, passando pelo de cirurgia bariátrica, até chegar à problemática da cirurgia pelo SUS e pela rede de saúde privada no Ceará. A matéria principal, enfoque da reportagem, são os percalços pelos quais passa o paciente da rede pública de saúde em contraponto com a situação na rede de saúde privada. Como coordenada, está o bloco que trata de quem fez a cirurgia, que fecha a reportagem referindo-se à matéria principal, através dos personagens.

Os intertítulos foram pensados para separar as idéias principais do texto, o que delimita quatro grandes blocos “A doença do milênio”, que traz os conceitos e implicações da obesidade e da cirurgia bariátrica; “Obesidade: um problema de saúde pública”, que mostra cirurgia da rede de saúde pública, tratando-a como uma medida necessária à população; “A cirurgia pela rede privada” traça a realidade do procedimento na rede privada; e “Quem fez”, narra as experiências dos personagens com a cirurgia, sobretudo no pós-operatório. Nessa estrutura, os três primeiros intertítulos compõe a matéria principal e o último é uma coordenada.

A linguagem utilizada durante a reportagem segue os preceitos jornalísticos de objetividade. O vocabulário que concerne à área da saúde é, por vezes, muito específico,



desde os nomes de distúrbios até a descrição dos procedimentos clínicos. O próprio termo “cirurgia bariátrica”, tema da reportagem, é desconhecido pela população em geral, embora seja referenciado pelos médicos, prioritariamente, dessa maneira. Para evitar esse tipo de confusão que termos mais específicos podem causar no leitor, procurei tornar o texto o mais didático e claro possível, através do uso de sinônimos ou explicações subsequentes às palavras que poderiam causar estranhamento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reportagem “Cirurgia Bariátrica e a Saúde no Ceará” foi concluída no término do semestre letivo 2009.2, o qual se estendeu pelo período de agosto a dezembro de 2009. Depois de finalizado, algumas modificações de caráter pontual foram realizadas no corpo do trabalho como mudanças de vocabulário, ortográficas e dados estatísticos.

Por conta da ampla popularização da cirurgia no Brasil nos últimos dez anos, e pelos resultados eficientes nos pacientes que realizam o procedimento, são geradas especulações sobre suas possibilidades: o que é a cirurgia bariátrica, quem pode fazer, como são e quanto duram as etapas do processo (o pré e pós-operatório). Essas informações ainda são muito obscuras para grande parte da população, o que leva a associações errôneas como a de que o procedimento é meramente estético.

A partir de uma compreensão de como se dá esse processo, a reportagem convida o leitor a refletir como a cirurgia se dá na rede pública de saúde: se a oferta é suficiente e de qualidade. A investigação revelou que a oferta (embora no HGCC ocorra com uma frequência constante) é insuficiente para cumprir a demanda, refletindo-se na fila “interminável” e em pacientes que, mesmo preparados, precisam esperar até poderem ser atendidos.

A gravidade disso está no fato da incidência da obesidade aumentar a cada ano no Ceará, constituindo-se em um verdadeiro problema de saúde pública. Ademais, é importante lembrar que a cirurgia bariátrica é somente uma das soluções para a doença. A rede de saúde pública cearense tem carência de etapas mais básicas para cuidar dos pacientes obesos, como ambulatórios clínicos especializados e profissionais da área.

Em contraponto com a rede de saúde privada ficam mais notáveis as disparidades no que diz respeito à oferta da cirurgia. Por depender de recursos dos planos de saúde ou dos próprios pacientes, a agilidade do processo na rede privada é ampliada, o que se reflete em números: só o Núcleo do Obeso do Ceará (clínica privada) já realizou a cirurgia bariátrica



em 1700 pacientes, mais de três vezes o número de operados pela rede de saúde pública em Fortaleza.

Em vista disso, é essencial pensar sobre a situação do procedimento no Estado, colocando em questão a necessidade de que ele fique ao alcance daqueles que dele necessitam. Talvez, a partir de um olhar mais crítico sobre o quadro atual, a realização da cirurgia bariátrica possa um dia ser (verdadeiramente) uma realidade para a grande maioria da população do Ceará.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEANDRO, Paulo Roberto. MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente (o jornalismo interpretativo)**. São Paulo: Ed.Media, 1973.

MARQUES DE MELO, José. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. São Paulo: Ed. Vozes, 1985.

VILAS BOAS, Sérgio. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.

OBESIDADE mata mais do que imagina. Revista Veja, São Paulo. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/obesidade-mata-mais-se-imagina-522128.shtml>>. Acesso em: 07 de maio de 2010.

Site da Associação Brasileira para o estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica. Disponível em <<http://www.abeso.org.br>>.

Site da Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica. Disponível em <<http://www.sbcbr.org.br>>.

Site do Ministério da Saúde: Disponível em <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/area.cfm?id_area=124>. Acesso em: 07 de maio de 2010.